

.....  
**CAPITALISMO E PROGRESSO**  
**CAPITALISM AND PROGRESS**

*Anderson Barbosa Paz<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente texto objetiva expor a argumentação da obra “Capitalismo e progresso: um diagnóstico da sociedade ocidental” do economista holandês Bob Goudzwaard. Para tanto, o texto foi dividido em três partes. Em primeiro lugar, apresenta-se como o ideal de progresso levou à crise da modernidade. Em seguida, discutem-se as consequências do postulado do progresso para o homem e natureza. E, em terceiro lugar, trata-se da necessidade de abertura da sociedade e ressignificação da relação entre homem, trabalho e meio ambiente. O texto pode contribuir como introdução à obra de Goudzwaard e na apresentação de sua argumentação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bob Goudzwaard; Capitalismo; Modernidade; Progresso.

**ABSTRACT:** This text aims to present the argumentation of the work “Capitalism and progress: a diagnosis of western society” by the Dutch economist Bob Goudzwaard. For this, the text was divided into three parts. First, it is presented how the ideal of progress led to the crisis of modernity. Next, it is discussed the consequences of the postulate of progress for man and nature. And, thirdly, it is about the need to open society and give new meaning to the relationship between man, work and the environment. The text can contribute as an introduction to Goudzwaard’s work and in the presentation of his argument.

**KEYWORDS:** Bob Goudzwaard; Capitalism; Modernity; Progress.

DESDE 1980  
**INTRODUÇÃO**

Bob Goudzwaard é professor emérito de economia e filosofia social na Universidade Livre de Amsterdã, nos Países Baixos. Ele atuou como parlamentar holandês na década de 1970. E, a partir da tradição neocalvinista capitaneada por Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd, buscou desenvolver uma perspectiva cristã para a economia.

Uma de suas obras mais conhecidas é “Capitalism and Progress: A Diagnosis of Western Society”, publicada originalmente em 1979. A obra foi traduzida para o português pela Editora Ultimato sob o título “Capitalismo e progresso: um diagnóstico da sociedade ocidental” e foi publicada em 2019. O presente texto é uma apresentação da argumentação dessa obra.

O texto está dividido em três partes. Em primeiro lugar, apresenta-se como o ideal de progresso levou à crise da modernidade. Em seguida, discutem-se as consequências do postulado do progresso para o homem e natureza. E, em terceiro lugar, trata-se da necessidade de abertura da sociedade e ressignificação da relação entre homem, trabalho e meio ambiente. Espera-se contribuir com uma apresentação geral da argumentação de Goudzwaard.

## **1 DO PROGRESSO À CRISE: INDIVIDUALISMO E COLETIVISMO EM COLISÃO**

De acordo com Goudzwaard, os fundamentos culturais e espirituais da era medieval, baseada na crença em um Deus pessoal que criou um mundo objetivo possível de ser conhecido e desenvolvido, propiciaram o ambiente para o surgimento de um novo modelo de

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba. Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

relações econômicas e sociais, a saber, o capitalismo. Dois momentos históricos contribuíram ainda mais para a formação do capitalismo moderno, a dizer, a Renascença e a Reforma Protestante. Esses eventos possibilitaram aberturas para novas relações sociais e contribuíram para que forças autônomas de crescimento econômico e tecnológico expandissem o modelo capitalista de relações de produção, ainda que se conservassem os limites desse desenvolvimento em um cenário social permeado pela crença no divino.

O processo de abertura de novas relações sociais, contudo, levou a um período de secularização da noção de providência divina. Segundo Goudzwaard, o homem moderno, influenciado pela crença religiosa deísta de o mundo como um relógio mecânico autônomo, passou a crer na concepção de “progresso” como que uma mão invisível da história que levava a um curso inevitável e ascendente de progressão das relações sociais. O Iluminismo fechou ainda mais a vida social e econômica ao divino, tornando lugar comum a fé no progresso, o racionalismo e a crença na perfeição humana.

O ideal de progresso estreitou as relações sociais em prol do crescimento econômico e negação do divino. A operação do mercado se tornou livre de parâmetros transcendentais e resultado do mecanismo histórico de relações econômicas. E, assim, consolidou-se o capitalismo moderno, que pode ser caracterizado como uma estrutura social em que:

A ordem legal, a moralidade pública prevalecente, bem como a organização da vida socioeconômica dão livre acesso às forças do crescimento econômico e do desenvolvimento tecnológico; (...) subsequentemente, essas forças se manifestam por meio um [sic] processo de ‘seleção natural’ na medida em que elas se formam mediante uma competição contínua no mercado entre unidades independentes de produção organizadas com base nos retornos de capital<sup>2</sup>.

Goudzwaard entende que esse desenvolvimento do capitalismo moderno estreitou as relações entre homem e natureza. As relações capitalistas se tornaram regidas por uma “lei natural” em que cada preço é justo se é resultado da livre competição econômica e o governo é limitado à proteção jurídica dos contratos e direitos de propriedade. Tais relações se deram sob uma ética utilitarista pela qual se “avalia as atividades humanas somente em termos dos efeitos de utilidade e que considera a crescente aquisição de bens pela humanidade como a mais importante fonte de utilidade”<sup>3</sup>. A lei e a moralidade se tornaram justificativa para competição e o governo, um protetor das relações econômicas livres.

Nessa conjuntura, Goudzwaard explica que, a partir do século XVIII, a Revolução Industrial começou a se desenvolver, ampliando a estrutura capitalista de mercado com base na crença no progresso humano. A fé no progresso tinha dois elementos fundamentais, a

2 Goudzwaard, 2019, p. 60.

3 Ibid., p. 60.

.....

saber, uma fé voltada para a ação e para o desejo individual de agir e uma ênfase na inovação tecnológica. Logo, “a fé no progresso assumia o papel de um guia essencialmente infalível para um futuro melhor”<sup>4</sup>. Consequentemente, a crença no progresso motivou, por meio da produção em massa da indústria, uma nova ordem social que tomou “como dado a aceitação do lucro e da inovação tecnológica como guias quase absolutos na direção de um futuro melhor para a humanidade”<sup>5</sup>. Assim,

O capitalismo é sujeito à crítica na medida em que, em nome do progresso, ele é baseado em forças independentes e autônomas de crescimento econômico e tecnológico, isto é, forças que são consideradas isoladas, suficientes e boas em si mesmas. Essas forças econômicas e tecnológicas estão de fato relacionadas às normas da ética e da justiça social, mas de tal maneira que essas normas não podem impedir a realização dessas forças e a promoção do ‘progresso’. Essas normas são conscientemente vistas como dependentes das forças do progresso e secundárias a elas: elas são colocadas a serviço da expansão da tecnologia e do crescimento da economia. A combinação dos fatores independentes e primários do progresso com as normas sócio-éticas dependentes e secundárias evita a realização simultânea e harmoniosa das normas – tanto econômicas quanto éticas e legais<sup>6</sup>.

42

Diante desse cenário economicista, surgiu o socialismo marxista no século XIX. Segundo Goudzwaard, Marx entendia que a história humana é um processo materialista de dialeticidade entre classes sociais opressoras e oprimidas. O homem se desenvolveu por meio da interação com a natureza através de seu trabalho e se distinguiu dos animais por meio de seu trabalho na natureza. Contudo, com o capitalismo, o homem precisou alienar seu trabalho aos donos de capital que detinham os meios de produção. Essa alienação resultou no afastamento da natureza e na submissão de classes trabalhadoras a classes capitalistas. Por isso, conforme propunha Marx, era preciso eliminar a propriedade privada por meio de uma revolução.

Goudzwaard sustenta que Marx adotava uma fé iluminista no progresso e, por isso, o marxismo e o capitalismo são irmãos que se odeiam mutuamente. Ambos descendem da fé iluminista no progresso. Nas palavras do autor,

A fé que Marx tinha no avanço da tecnologia, sua perspectiva limitada a respeito das fontes da alienação humana, e sua confiança profunda na perfectibilidade humana mediante seu embate, via trabalho, com a natureza são elementos do pensamento de Marx que podem levar apenas à conclusão de que o marxismo e o capitalismo são como

---

4 Ibid., p. 83.

5 Ibid., p. 87.

6 Ibid., p. 90.

irmãos que se odeiam e se invejam. Ambos são descendentes diretos da fé iluminista no progresso. Para ambos, a expansão industrial é o guia para um futuro mais feliz, o sinal da chegada de tempos melhores.<sup>7</sup>

Por isso, Goudzwaard argumenta que tanto o liberalismo contemporâneo, com ênfase no indivíduo, quanto o socialismo revisado contemporâneo, preocupado com a comunidade, sugerem a necessidade de progresso tecnológico e econômico em prol de bem-estar. Os dois polos disputam “quem tem direito aos frutos do progresso tecnológico-econômico e de quem eles devem proceder. O significado, o modo e o ritmo desse progresso quase nunca são discutidos”. Liberais e socialistas disputam temas como distribuição de renda, desigualdade e outros, sem discutir a natureza, a orientação e o destino do bem-estar social através do progresso econômico.

A partir da segunda metade do século XIX, a fé no progresso da humanidade assumiu uma feição de objetividade positivista. De acordo com Goudzwaard, o positivismo de Auguste Comte postulou o progresso positivo da sociedade por meio da objetividade científica, isto é, pela observação estrita dos fatos sociais e postulação de uma ordem social em prol de progresso. A essa época também, iniciou-se o desenvolvimento do evolucionismo darwinista que, em sua dimensão social, sugeriu que o homem era impulsionado ao progresso através do transcurso do tempo por meio de uma seleção natural.

Então, a partir de 1850, a fé no progresso assumiu as seguintes características:

Uma mudança do interesse em direção ao progresso técnico e econômico observável, fatural, do momento; a aplicação da ciência ‘positiva’ para medir e ajudar nesse processo; uma avaliação desse processo como sendo um processo necessário, constantemente presente e inexorável no qual o homem tem disso absorvido; e, finalmente, o reconhecimento de que nesse processo o homem deve aceitar a luta pela sobrevivência para a qual ele pode se preparar da melhor maneira mediante uma adaptação constante ao seu ambiente.<sup>8</sup>

Ou seja, segundo Goudzwaard, a mudança se deu no sentido de que “durante a segunda metade do século 19 e início do século 20 testemunhamos uma transição do dever de efetuar o progresso desejado para o dever de adaptar-se ao progresso existente presente em todas as suas manifestações concretas”. Esse cenário transformou a forma do capitalismo até então existente em três setores da sociedade, a saber, “o setor da vida interna de uma empresa (...) o setor das relações entre as empresas e entre as empresas e seus consumidores; e o setor da relação entre a indústria como um todo e o governo, assim como as relações entre a

7 Ibid., pp. 100-1.

8 Ibid., pp. 107-8.

9 Ibid., p. 108.

.....  
indústria como um todo e o governo”<sup>10</sup>.

Em primeiro lugar, Goudzwaard explica que houve mudanças significativas internas às empresas. O tamanho, a estrutura legal e a produção em massa tomaram proporções vultosas por meio do investimento externo e abertura de capital. Isso possibilitou uma divisão do trabalho mais racionalizado e científico, a fim de se consolidar uma produção em larga escala. As empresas assumiram uma gestão de organização própria e internalizaram a inovação tecnológica de modo permanente em seus processos produtivos. Logo, “durante a segunda metade do século 19 e o início do século 20 ocorreu um processo no qual a ciência, a gestão e a tecnologia, em vez de contribuírem de modo independente para o progresso econômico na sociedade, tornaram-se cada vez mais aspectos internalizados das operações diárias das empresas industriais”<sup>11</sup>.

Em segundo lugar, Goudzwaard identifica que as relações entre as empresas e entre as empresas e seus consumidores se transformaram substancialmente. No início da Revolução Industrial, desenvolveram-se relações de mercado baseadas em estrita competição. Era uma competição entre empresas que estavam relativamente no mesmo nível de desenvolvimento, favorecendo os consumidores com a redução de preços. A partir de 1880, os empreendedores se tornaram mais estratégicos e buscaram conquistar mercados específicos. Com o tempo, esses empreendedores perceberam que uma maior garantia de lucros poderia ser garantida pela cooperação entre os negócios, o que levou à concentração de negócios e à formação de cartéis e trustes. Assim, oligopólios se formaram e passaram a cooperar na determinação dos gostos dos consumidores através de propaganda, tornando o consumo ajustado ao sistema de progresso econômico.

Em terceiro lugar, houve mudanças nas relações entre governo e indústria. Segundo Goudzwaard, a expansão das empresas na determinação do mercado mudou a relação entre governo e mundo empresarial. O governo que antes era visto pelas empresas como um interventor que atrapalhava os negócios se tornou um aliado na consolidação de um ambiente empresarial estável. A intervenção do governo passou a ser vista como necessária para manutenção da economia de livre mercado. Governo e indústria passaram a cooperar entre si em prol do progresso econômico da sociedade, pois “o próprio governo se torna cada vez mais dependente da economia de mercado: o governo não pode cumprir os objetivos das suas próprias políticas sem o crescimento econômico que, por sua vez, só ocorre mediante a economia de mercado”<sup>12</sup>.

O postulado moderno do progresso implicou uma reformatação em várias áreas e relações sociais. As relações das empresas entre si, das empresas com os consumidores e das empresas com o governo foram redesenhadas para assegurar o progresso econômico e social. Contudo, Goudzwaard sustenta que essas mudanças levaram a um estreitamento das relações

10 Ibid., p. 109.

11 Ibid., p. 113.

12 Ibid., p. 130.

.....

sociais e dos propósitos humanos que passaram a ser norteados por resultados técnicos e econômicos como um fim em si. Isso levou, por sua vez, a desapontamentos dos indivíduos com as promessas do ideal de progresso.

## 2 AS CONSEQUÊNCIAS DO POSTULADO DO PROGRESSO PARA O HOMEM E NATUREZA

Goudzwaard argumenta que o homem moderno se tornou servo do ideal de progresso. A fé no progresso levou a uma antítese irreconciliável entre liberdade e natureza, evidenciando a vulnerabilidade do ambiente, do sistema e do homem ocidental à máquina e a tecnologia. O “sistema do progresso”<sup>13</sup> se tornou vulnerável diante da expansão tecnológica e econômica, assujeitando os indivíduos e comunidades à técnica e à máquina produtiva moderna.

Em primeiro lugar, o ambiente se tornou vulnerável. Goudzwaard destaca que a preocupação ambiental vem, desde o século XX, ampliando-se. A poluição do solo, da água e do ar tem sido tema de ampla literatura e debate em âmbito nacional e internacional. A ampliação da produção e consumo em larga escala tem representado uma crescente ameaça ao meio ambiente. Em especial, o consumo dos países ricos tem crescido em escala exponencial.

De fato, o capitalismo tem uma capacidade de se adaptar a novas ameaças. Goudzwaard sugere que o sistema capitalista pode mobilizar sua “capacidade tecnológica para evitar ou adiar os limites nas áreas de energia, matérias-primas e meio ambiente”<sup>14</sup>. Ademais, o capitalismo pode desenvolver um “mecanismo de preços da economia de mercado que pode ser diretamente usado como uma política de conservação em relação ao meio ambiente, matérias-primas e energia”<sup>15</sup>. Essas soluções se encaixam no sistema de progresso capitalista, porém são limitadas.

Goudzwaard argumenta que na primeira forma de adaptação do sistema capitalista face aos limites do meio ambiente, há um problema de interdependência dos limites. Isto é, para solucionar um problema ambiental pode ser necessário se utilizar de matérias-primas naturais e energia que tendem a criar novos problemas. Por exemplo, “a purificação de um ambiente poluído geralmente consome energia e matérias-primas”<sup>16</sup>. Assim,

O homem não será capaz de escapar dos limites naturais, incluindo os limites espaciais. Ele pode apenas tentar adiar, o máximo possível, uma colisão fatal com um desses limites. Porém, essa não é uma solução definitiva. Então, podemos concluir que o homem moderno está realmente mudando de um ser que teme a Deus para um ser que

---

13 Ibid., p. 140.

14 Ibid., p. 144.

15 Ibid.

16 Ibid., p. 145.

.....  
teme o tempo<sup>17</sup>.

Além disso, quanto à segunda forma de adaptação do sistema capitalista face aos limites do meio ambiente, mecanismo de preços de mercado, Goudzwaard argumenta que os preços das matérias-primas parecem ser parcialmente sensíveis de esgotamento futuro. O mecanismo de preços é limitado para inibir a expansão da produção capitalista e leva ao aumento da renda dos produtores ou países ricos que produzem os bens de capital de maior valor. E rendimentos mais altos resultam em aumento de despesas que, por sua vez, retroalimenta o sistema de expansão capitalista.

Nesse cenário, Goudzwaard entende que:

É um tanto tolo esperar que haja um mecanismo que verifique e direcione permanentemente os impulsos do desejo humano, da vontade e da fé. (...) enquanto o sistema de preços continuar a funcionar como um mecanismo, parte da sua própria natureza será servir ao progresso material, não importa o quanto a sociedade como um todo possa estar em perigo por esse serviço<sup>18</sup>.

46 ..... Para Goudzwaard, não basta substituir uma ética do progresso por uma ética da sobrevivência. Uma ética da sobrevivência se torna um sistema de normas humano formado a partir do mesmo padrão que serviu de critério para o progresso do homem, a saber, “o conhecimento humano racional-científico”<sup>19</sup>. Ademais, essa ética ignora o que orienta uma cultura, suas crenças e valores fundamentais ou religiosos. A fé no progresso não pode ser limitada de forma racionalista e cientificista. A religião do progresso não pode ser contida por ajustes racionalistas do sistema social humano às limitações da natureza.

Em segundo lugar, o sistema se tornou vulnerável. Segundo Goudzwaard, o sistema capitalista é também vulnerável. Pensadores do sistema capitalista, para lidar com o desemprego e a inflação, ora oferecem sugestões de contramedidas temporárias na área de política monetária, ora na área de política orçamentária. A questão da oferta de dinheiro se tornou objeto de disputa após o colapso do sistema capitalista, em 1929, que se baseava no padrão-ouro. A partir desse momento, a questão da oferta de dinheiro foi internalizada no sistema da sociedade capitalista, isto é, as autoridades monetárias buscaram “colocar a maneira e a extensão da oferta de dinheiro a serviço da recuperação da expansão econômica e do emprego. Assim, a oferta de dinheiro tornou-se um instrumento dependente no sistema social que exigia o progresso econômico continuado”<sup>20</sup>.

Essa mudança, como explica Goudzwaard, representou a substituição da necessidade

---

17 Ibid.

18 Ibid., p. 146.

19 Ibid., p. 148.

20 Ibid., p. 153.

de ajustes contínuos de quantidade de ouro para uma expansão da oferta de dinheiro por opção. Dessa forma, foi possível que uma demanda de dinheiro pudesse ser criada para garantir um mercado para uma determinada quantidade de produtos. Essa política, baseada no pensamento do economista John Keynes, espalhou-se pelo mundo ocidental. O governo deveria interferir na economia para manter o poder de compra suficiente para garantir empregos e bem-estar social. Contudo, nesse sistema há uma armadilha, a dizer, o bem-estar social varia de grupo para grupo e o governo tenderá a aumentar suas despesas para proporcionar emprego, o que leva ao aumento de inflação.

A partir disso, conforme destaca Goudzwaard, o Estado de bem-estar social entrou em crise. A oferta de dinheiro para gerar empregos desencadeou índices inflacionários consideráveis após a II Guerra Mundial. Ademais, a expansão da tecnologia no mercado de trabalho tornou os índices de desemprego ainda mais variáveis. A tecnologia permitiu a produção em massa de utilidades com pouca demanda de trabalho. O desemprego estrutural tornou-se o preço da expansão de uma produtividade tecnológica desacompanhada de uma ética comunitária. Assim,

A economia ocidental está em equilíbrio apenas enquanto o progresso econômico persistir, desde que exista um mercado crescente para seus produtos. No entanto, se o ritmo do crescimento econômico diminui apenas ligeiramente, uma ameaça para a estabilidade interna da sociedade emerge. Não há estabilidade diferente daquela baseada no progresso. Cada parte do sistema social é direcionada e equipada para essa estabilidade<sup>21</sup>.

Em terceiro lugar, o homem ocidental se tornou vulnerável diante do sistema capitalista. De acordo com Goudzwaard, o ideal de progresso submeteu os principais elementos do sistema social a si. E o homem ocidental se tornou sujeito das forças do progresso. No âmbito do trabalho, homens e mulheres ocidentais devem pensar e agir no sentido de estarem sempre conectados com a tecnologia e demandas do mercado. É exigida, pelas empresas, uma fidelidade para além das corporações. Toda a vida e trabalho são reivindicados para o progresso e bem-estar. Ademais, há aqueles trabalhadores que são sujeitos à repetição monótona de atos de máquinas industrializadas. De toda forma, o trabalhador tornou-se ajustado à tecnologia.

No âmbito dos esportes, Goudzwaard destaca que as atividades esportistas se tornaram um empreendimento, um negócio. A prática de esportes se tornou um setor econômico independente e os atletas, dirigentes e o público (consumidores) se tornaram sujeitos do progresso econômico nos esportes. Na área da sexualidade, a dimensão sexual humana se tornou objeto do mercado, consolidando uma indústria pornográfica. Além disso, o ideal de progresso redesenhou a percepção do tempo. O homem ocidental se tornou imediatista

21 Ibid., p. 156-57.

.....

diante da escassez do tempo e sua percepção de necessidade de consumo. Logo, os laços interpessoais se tornaram apressados e impulsivos. A fé no progresso não é neutra e exige a submissão das esferas da vida a seu ideal de ascensão.

Goudzwaard identifica que o ideal de progresso se fundamenta na “dialética do progresso”. O homem ocidental adotou uma fé no progresso como uma crença em um deus impessoal e restou preso à relação entre dominação e liberdade. Goudzwaard lança mão da filosofia do neerlandês Herman Dooyeweerd e considera que a modernidade buscou consolidar o “ideal de liberdade ou de personalidade do humanismo, isto é, o esforço para desenvolver uma personalidade autônoma absolutamente livre”<sup>22</sup>. A partir disso, o homem moderno buscou submeter e controlar a natureza pelo exercício de sua liberdade.

A partir disso, Goudzwaard destaca que os ideais de personalidade e dominação têm estado em tensão interna, isto é, em relação de contradição dialética um com o outro. Isso implica que “não é nem possível nem coerente, por um lado, subscrever o caráter racional-científico de todos os processos do mundo e, por outro lado, parar no meio do caminho no momento em que se alcança o domínio da personalidade humana livre”<sup>23</sup>. Os ideais de dominação e de personalidade humana livre requerem a pessoa como um todo e o mundo como um todo. Tem-se, assim, uma tensão dialética insolúvel, pois “o polo do motivo da dominação racional tentou anexar o da personalidade humana e, vice-versa, o polo da personalidade humana tem se revoltado quase continuamente contra o motivo da dominação racional”<sup>24</sup>.

Goudzwaard explica que, a partir do Iluminismo, o ideal de progresso se tornou a ponte entre o ideal de dominação e de personalidade. À medida que o homem controlasse o mundo, conseguiria mais realização da própria personalidade. O progresso econômico, científico e tecnológico levaria a mais liberdade humana. Contudo, tanto o positivismo quanto o naturalismo científico foram combatidos pelo existencialismo e o romantismo modernos. E cada uma dessas visões reivindicava o todo humano o que, por consequência, levou a oposições insolúveis.

No âmbito prático, a partir da Revolução Industrial, a tentativa de dominação total do mundo levou a pressões sobre a natureza e a uma consequente submissão da liberdade humana ao domínio tecnológico, econômico e científico. O homem se tornou objeto da dominação da natureza. A partir disso, Goudzwaard sugere quatro consequências:

1. A sociedade ocidental tem se ajustado a um sistema orientado pelo ideal de progresso econômico e tecnológico que, por sua vez, exerce pressões de ajuste da vida dos indivíduos. Assim, “essa ‘objetificação’ do homem ocidental como ‘objeto’ do progresso está inseparavelmente ligada tanto aos seus objetivos quanto à dominação racional do mundo inteiro, bem como à sua fé no progresso, que move seus adeptos a uma total dependência dos

22 Ibid., p. 173.

23 Ibid., pp. 174-75.

24 Ibid., pp. 175.

guias e poderes soberanos que eles mesmos escolheram”<sup>25</sup>.

2. Não se tem uma busca concentrada por alternativas para o atual sistema. Dessa forma, “os oponentes e os críticos não conhecem uma saída, mas apenas maneiras de fugir ou rastejar na estrada culturalmente sem saída do ideal de personalidade revivido temporariamente”<sup>26</sup>.

3. O comportamento e atividades do homem moderno são controlados pelo ideal de progresso. Por isso, o homem ocidental apresenta certa dubiedade em amar e odiar o sistema de progresso em que está inserido e, assim, não se desprende das barreiras da dialética entre liberdade e dominação.

4. O capitalismo está preso na dissolução da fé no progresso. O capitalismo se encontra na tensão entre os ideais de dominação e liberdade. Assim, a crise do capitalismo é uma crise cultural, não apenas econômica.

Para Goudzwaard, o atual sistema capitalista e sua cultura de progresso estão em crise. A tensão entre liberdade e natureza leva a um estreitamento das relações sociais na busca de expandir a liberdade humana, ao mesmo tempo em que desenvolve a racionalização da natureza, da ciência e da tecnologia. Conseqüentemente, o estreitamento da relação entre o homem, o trabalho e o meio ambiente levam a crises insolúveis, cujos remédios modernos são temporários. Nesse contexto, Goudzwaard sugere ser preciso abrir a sociedade no sentido de ressignificar as relações sociais que envolvem o homem, o trabalho e o meio ambiente.

### **3 ABERTURA DA SOCIEDADE E RESSIGNIFICAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE HOMEM, TRABALHO E MEIO AMBIENTE**

Goudzwaard explica que há algumas abordagens que buscam lidar com o problema do estreitamento da estrutural social. São três as principais respostas ao fechamento promovido pelo ideal de progresso capitalista: revolução, fuga por meio de uma contracultura e revisão<sup>27</sup>. Contudo, tais respostas são inadequadas ou insuficientes por não atingirem a questão fundamental do problema, a saber, a crença fundamental no ideal de progresso.

Na abordagem revolucionária, Goudzwaard destaca que Herbert Marcuse entende que a tecnologia moderna ameaça o ideal de personalidade humana. É preciso protestar diante dessa ameaça. Já em uma abordagem de fuga por meio da formação de uma contracultura, Charles Reich, dentre outros, sugere uma revolução interior ao homem para a formação de uma contracultura face ao domínio tecnológico. Por fim, há autores que propõem a revisão da sociedade, como John Galbraith, ou do homem, como Dennis Gabor, isto é, uma transformação da sociedade ou do homem moderno.

25 Ibid., p. 177.

26 Ibid., p. 178.

27 Ibid., p. 182.

.....

Segundo Goudzwaard, essas propostas mantêm a estrutura social fechada. A sociedade moderna é fechada porque na tentativa de levar a humanidade à liberdade, o ideal de progresso sugere que a forma é a dominação sobre cada detalhe da vida social. O homem quer ser mais livre, porém sua vontade de domínio o leva a submeter as várias áreas da vida social ao domínio científico, econômico e social. Isto é, pode-se definir “uma sociedade fechada como aquela que combina a organização rigorosa com propósitos concretos todo-abrangentes e, portanto, de domínio total”<sup>28</sup>. A sociedade é racionalizada de modo utilitário para alcançar seu progresso.

Goudzwaard utiliza uma imagem para ilustrar essa sociedade fechada:

A expressão sociedade túnel talvez seja ainda mais clara uma vez que evoca a imagem de uma sociedade em que tudo – pessoas, instituições, normas, comportamento – contribui para o tranquilo avanço em direção à luz no fim do túnel. Porém, o fim do túnel parece nunca estar ao nosso alcance; a luz brilha para sempre no futuro. (...) Nada tem um valor essencial em qualquer relacionamento social a menos que seja um meio para avançar no túnel. Tudo o que não serve a esse propósito é considerado sem sentido e sem valor. A vida pessoal e social não é considerada significativa em si mesma, como ela é vivida a cada dia. O dia de hoje tem significado apenas se sua ocorrência servir como um trampolim para alcançar o amanhã. Mas o problema é que o amanhã será outro hoje!<sup>29</sup>.

Ainda assim, é preciso considerar, como salienta Goudzwaard, que o Ocidente não é uma sociedade totalmente fechada. Valores como justiça e solidariedade podem ser encontrados. Contudo, “o Ocidente tem caminhado de maneira alarmante na direção de uma verdadeira sociedade túnel”<sup>30</sup>. O crescimento econômico, a inovação da tecnologia e os avanços da ciência se tornaram o padrão do julgamento de significado humano. Os males sociais são expressões do próprio progresso. É preciso, nesse cenário, de acordo com Goudzwaard, abrir a sociedade, isto é, promover a abertura da sociedade. Essa abertura social “implica a recuperação do significado e do valor da vida humana fora de sua sujeição e serviço ao progresso”<sup>31</sup>.

A abertura da sociedade proposta por Goudzwaard tem três elementos:

1. “A libertação da vida do horizonte fechado de uma servidão mortal aos objetivos estreitos e limitados que estabelecemos para nós ao aceitarmos o progresso como a essência da cultura ocidental”. Em contrapartida, indica uma abertura para “um processo em que as normas para a vida humana – como justiça, confiança e verdade – recuperam sua validade

28 Ibid., p. 199.

29 Ibid., pp. 199-200.

30 Ibid., p. 200.

31 Ibid., p. 201.

original para nossas decisões e atos”<sup>32</sup>.

2. “Num processo de abertura, instituições culturais e formas sociais – como governos, sindicatos e empreendimentos econômicos – recuperam as oportunidades para se desenvolverem de acordo com suas próprias responsabilidades distintas”<sup>33</sup>.

3. “Um processo de abertura remove a pressão desenfreada sobre a pessoa individual para que ajuste seus hábitos e comportamento às exigências externas”, isto é, “a abertura implica que a vida diária é intencionada para ter seu próprio significado; que o significado do hoje não se esgota naquilo que pode contribuir para as necessidades e desejos referentes ao amanhã”<sup>34</sup>.

Para tanto, Goudzwaard não sugere a adoção de um plano pronto para alcançar uma sociedade melhor. Planos prontos podem fechar ainda mais a sociedade. A abertura da sociedade é um processo, de longo prazo, com dimensões religiosa, cultural e estrutural. É uma ordenação espontânea da sociedade com base não mais no ideal do progresso, mas sim em valores morais e princípios próprios de cada estrutura social.

Com efeito, Goudzwaard sugere condições gerais para a abertura da sociedade:

1. “Devemos questionar a afirmação de que o progresso econômico, técnico e científico seja sua própria justificação. Deve ser possível ao homem avaliar de modo crítico e, se necessário, rejeitar certos desenvolvimentos cruciais ao longo do caminho do progresso”<sup>35</sup>.

2. “Essas forças [crescimento econômico, inovação técnica e expansão científica] do desenvolvimento devem renunciar ao seu papel de padrões últimos da sociedade”<sup>36</sup>.

3. “A reintrodução da responsabilidade direta e plena no setor da produção da sociedade, a ser executada ali de acordo com normas obrigatórias e ininterruptas de moralidade, justiça, tecnologia e economia”<sup>37</sup>. Essa última condição exige o cumprimento de três condições, quais sejam:

a) “conhecimento e reconhecimento por parte do mundo dos negócios de que há normas permanentes e inquebráveis de moralidade, justiça, tecnologia e economia, cada uma com sua própria validade”<sup>38</sup>;

b) “uma organização de negócios em que a realização interna dessas normas se torne uma possibilidade real”<sup>39</sup>; e

c) “uma sociedade que seja projetada para fazer com que o mundo dos negócios funcione de acordo com suas obrigações”<sup>40</sup>.

32 Ibid., p. 202.

33 Ibid.

34 Ibid.

35 Ibid., p. 209.

36 Ibid.

37 Ibid., p. 225.

38 Ibid.

39 Ibid., pp. 225-26.

40 Ibid., pp. 226.

.....

A ressignificação da sociedade, para Goudzwaard, passa pelo reposicionamento das preocupações e prioridades sociais. Em uma sociedade aberta,

Suas primeiras preocupações serão a responsabilidade do homem de proteger e respeitar a natureza, o significado do trabalho humano, a dignidade humana do consumidor e as oportunidades de desenvolvimento das nações pobres; e preservar, para a posteridade, energia suficiente bem como outros recursos naturais. Somente nesse contexto podem ser encontradas respostas para a pergunta sobre quais desenvolvimentos econômicos, tecnológicos e científicos são possíveis e desejáveis. Essa parece ser a sequência correta de preocupações para uma sociedade que não está obcecada pela ideia de progresso<sup>41</sup>.

Além de reposicionar as questões da sociedade, Goudzwaard sugere ser preciso reconhecer normas divinamente estabelecidas no processo de abertura. As noções de justiça e moral operam em um mundo criado e projetado por Deus. O processo de abertura social deve observar as normas divinamente estabelecidas e essas normas são orientações para uma sociedade que dignifica a relação entre o homem, o trabalho e o meio ambiente. O terreno em que se fundam essas normas é o patrimônio cultural e de valores comuns do Ocidente que, por sua vez, ampara-se no conteúdo judaico-cristão.

Goudzwaard sugere algumas normas. A norma da economia é a mordomia ou o cuidado frugal na administração dos bens. A norma da tecnologia é o uso criativo e positivo de suas ferramentas para melhorar a vida dos indivíduos e comunidades. As normas de moralidade e justiça exigem que os indivíduos sejam tratados como sujeitos de direitos e responsabilidades. Essa perspectiva tem amplas implicações sobre a vida econômica da sociedade. Ela exige que o trabalho, o consumo, a tecnologia, as inovações tecnológicas respeitem os limites dados no meio ambiente, de modo a se dispor de uma vida social mais frugal e solidária.

As relações econômicas, nessa perspectiva, devem abandonar seu ideal de progresso ilimitado e ascendente. Para Goudzwaard, as empresas devem abandonar uma competição predatória, o consumo deve ser ressignificado e deixar de ser um fim em si, e o trabalho deve assumir uma dimensão comunitária de cooperação. É preciso, dessa forma, equilibrar os interesses de consumidores, empresas e trabalhadores. Para tanto, além da ação governamental, é preciso, segundo Goudzwaard, a distribuição de pesos econômicos para cada grupo, a fim de partilhar os custos de uma reestruturação da vida econômica. A abertura da sociedade demanda um engajamento de vários setores sociais ao mesmo tempo.

Nesse ponto, Goudzwaard reconhece a dificuldade da transição de um sistema fechado para um sistema aberto. A abertura da sociedade necessita de uma reestruturação social, cultural e econômica. Ademais, em um mundo globalizado, outros países teriam também

41 Ibid., pp. 210.

de se engajar nessas mudanças. Para isso, é preciso romper com o utilitarismo moderno, o consumismo egoísta, o individualismo e o coletivismo, e com a fé no progresso. Uma ética comunitária e local de solidariedade e com senso de justiça e moral precisa operar na reestruturação social.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ideias têm consequências. As sugestões de Goudzwaard podem parecer uma utopia. Sugerir uma reestruturação cultural, social e econômica da sociedade ocidental em prol de uma abertura humanizada que respeite a dignidade da relação entre o homem, o trabalho e o meio ambiente pode parecer bastante distante da realidade contemporânea. Contudo, ideias se revelam especialmente importantes em períodos de profundas crises em que paradigmas precisam ser mudados. E a crise do trabalho, consumo e meio ambiente já tem cobrado o custo daqueles que são marginalizados pelo individualismo capitalista ou absorvidos pelos contingentes de desempregados.

As fórmulas antigas parecem cada vez mais limitadas. As concepções individualista e coletivista, alicerçadas na dialética da dominação e liberdade, mostram-se cada vez mais ineficientes. A abertura da sociedade ocidental demanda o resgate dos valores e das normas na construção de comunidades que cooperem entre si. Pequenos começos para uma ética comunitária são exigidos. A dimensão de solidariedade precisa ser reposicionada no centro da economia, a fim de que a administração frugal dos recursos naturais seja bem aproveitada.

**REFERÊNCIA**

GOUDZWAARD, Bob. **Capitalismo e progresso: um diagnóstico da sociedade ocidental.** – Viçosa: Ultimato, 2019.

